

DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO

EDSON CHAGAS

AGRICULTURA

A VIDA EXCLUSIVA (E EXCLUDENTE) DO CAMPO



Seu José Baldo foi um dos pioneiros na plantação do café conilon em Governador Lindenberg. Hoje, aos 84 anos, ele deixa o negócio de sucesso por conta dos filhos

O contraste entre as realidades de dois produtores de café

/// **VITOR VOGAS**
vvogas@redgazeta.com.br



“Nunca nem coei café na minha vida”, explica o fazendeiro

José Baldo, desculpando-se por não servir ele mesmo a bebida, ao receber a reportagem em sua casa. É uma grande ironia. A vida do veterano produtor rural de Governador Lindenberg sempre girou ao redor do produto-rei da agricultura capixaba, em torno do qual também gira a economia da cidade e de toda a Região Centro-Oeste do Estado.

Por outra grande ironia, as indústrias até hoje passam longe do município que carrega o nome do governador celebrizado nos livros de

história, justamente por ter dado o primeiro impulso ao processo de industrialização do Espírito Santo. Sem alternativas econômicas, a cidade, assim como a vizinha Vila Valério, depende essencialmente da cafeicultura para se manter, e é ao cultivo do produto que se dedica a maior parte dos trabalhadores locais.

Dando sequência à série “Desafios do Espírito Santo”, A GAZETA visitou as duas cidades, que, no Estado, se encontram entre aquelas cujo PIB está mais concentrado no setor primário.

Mas essa dependência da monocultura pode ser cruel: ao mesmo tempo em que proporciona histórias de prosperidade, também pode condenar os lavradores mais humildes a uma vi-

IMPORTÂNCIA

“A agricultura é o braço deste país. É o que coloca comida na mesa das famílias brasileiras. Tem que ser valorizada”

JOSÉ BALDO
PRODUTOR DE CAFÉ EM GOVERNADOR LINDBENBERG

da de sacrifícios – contraste personificado pelo bem-sucedido senhor José Baldo e pelo seu reverso, o pequeno agricultor João Cesário (veja na página ao lado).

O INÍCIO

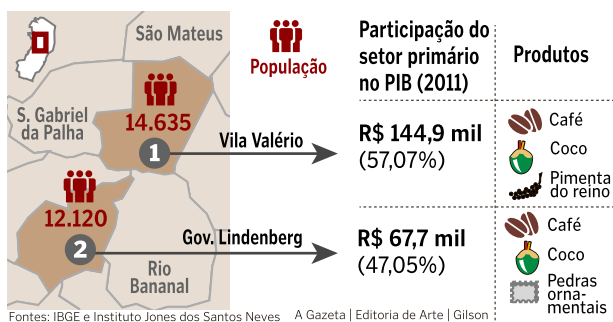
Hoje com 84 anos, seu Zé Baldo sempre foi o que se pode chamar de empreende-

dor nato. Nascido em Castelo, mudou-se com os pais e irmãos aos 12 anos para o então distrito de 51. Eram os anos 1940, e a região começava a ser colonizada, especialmente por descendentes de italianos e poloneses.

Lá chegando, o pai tratou de comprar um terreno, hoje uma vasta fazenda de 75 hectares (ou 75 campos de futebol). “No início, isto aqui só tinha uma venda de fumo e cachaça. Sal e querosene vinham de fora. A gente só comia o que plantava.”

Além de ter sido um dos primeiros a se instalar no distrito, Zé Baldo foi um dos pioneiros na plantação do café conilon. “Ouví dizer que tinha em Vila Valério e pedalei 80 km até lá. Arrumei uma muda e plantei aqui.” Essa primeira muda se mul-

A REGIÃO



tipicou e, hoje, o cafeicultor chega a ficar diminuto em meio às cerca de 6 mil sacas (ou 360 toneladas) de café que lotam seu depósito.

No auge, por volta de 1980, ele acumulou dezenas de diplomas e medalhas em competições nacionais de produtividade, uma delas inclusive recebida das mãos

do presidente Figueiredo, acervo que ele faz questão de exibir com orgulho.

Hoje aposentado, o tradicional empresário passou os negócios para os filhos, ficando com 10% dos lucros. Se tem alguma reclamação? “A coluna. Estou aleijado, de tanto abrir estradas no enxada”, conta, sorridente.

SOZINHO, ELE PLANTA E COLHE O CAFÉ

João Cesário, 66 anos, produz 280 sacas e espera para vender pelo “melhor preço”

Não muito longe da fazenda de José Baldo, o senhor João Cesário de Souza, 66 anos, não tem tantos motivos para sorrir. O contraste vai além da camisa de seda do primeiro, que, em João, dá lugar a uma camisa de algodão toda furada pela labuta.

Enquanto a propriedade de José chega a 75 hectares, a de João tem apenas 11 e, com sua esposa, Maria das Graças Jejeski, 64, ele acaba de se cadastrar num programa federal para obter uma moradia popular; enquanto, na época da “panha” (a colheita, entre março e junho), José pode contratar até 30 diaristas, João dá conta da sua sozinho e ainda vai ajudar os vizinhos, em espírito de solidariedade.

Na última safra, José

JOSÉ E JOÃO

10 mil

sacas de café

Foi quanto José Baldo produziu na última colheita, na fazenda de 70 ha.

280

sacas de café

Foi o resultado da última colheita de João Cesário, em seu lote de 11 ha.

empilhou 10 mil sacas, ao passo que as 280 colhidas por João ainda se encontram encalhadas, enquanto ele espera que o preço do café melhore.

Refém das flutuações de mercado, como vive ele enquanto isso? “O produto nosso aqui é o café mesmo. Às vezes passamos aperto, no ano em que a colheita não é boa, mas vamos levando. Este ano foi mais ou menos. Enquanto está tudo aí parado, a gente tem que cavar. Vendo um pouco de coco, um pouco de cacau, pego um empréstimo no banco.”

CAFÉ AMARGO

Mas a maior diferença está na “sucessão dos negócios”. Enquanto os quatro filhos de José herdaram as posses do pai para administrar, um dos filhos de João, cansado de não ver resultado na vida na roça, quis tomar distância da lavoura. Muita distância. Fazendo o caminho inverso dos ante-

passados, Joel tornou-se um “emmigrato”: com cidadania italiana, partiu há oito anos para Trieste, cidade próxima a Veneza, no nordeste da Itália.

Mandou chamar a mulher e, de lá, foi para Bruxelas, onde hoje atua na construção civil. De quando em quando, manda uma remessa de dinheiro para os pais e já comprou um lote na Bahia, “preparando a cama” para um ainda longínquo retorno. Além de fazer uma nova vida para si, tratou de gerar uma nova vida para a continuidade dos Souza.

É o netinho belga da foto que dona Maria nos mostrou, comovida, com um brilho nos olhos situado em algum ponto entre a alegria de avó e a saudade de mãe.



Seu João: com as sacas encalhadas, o jeito é cavar

DEPOIMENTO

“SINTO SAUDADE DA ROÇA. NÃO DAVA DINHEIRO, MAS O ALIMENTO ERA BOM”

Anacleto Coradini, 95 anos

Cidadão mais velho de Governador Lindenberg

Vida na fazenda do patrão para a colheita

“Migração” é uma palavra-chave para se compreender a dinâmica da população economicamente ativa na Região Centro-Oeste, destino de muitos imigrantes europeus na primeira metade do século vinte. Vila Valério, por exemplo, começou a ser povoada em 1939, por obra da Companhia Varsóvia de colonização, que demarcou as terras.

Nas últimas décadas, porém, boa parte da população sazonal da cidade é formada por famílias pobres que migram do leste de Minas Gerais ou do sul da Bahia, em busca de uma vida melhor – ou um pouco menos precária.

Essa população migrante está na base da hierarquia da sociedade cafeeira. São



“Tem dias que à tarde faz um frio”, lamenta Adriana

famílias como a de Adriana Borges, 36. No início do ano, ela mudou-se de Itamaraju, na Bahia, com marido e três filhos, por causa da colheita de café. Acabaram se fixando e hoje vivem na fazenda do patrão, num casebre com telhado, mas sem teto, cedido pelo proprietário.

Ela conta que “deu pra fazer um dinheirinho na panha”, quando eles colhiam até R\$ 135,00 por produção, num bom dia de trabalho na extração dos grãos. Agora, contudo, só o marido trabalha na roça, por um soldo fixo de R\$ 800,00.

gazetaonline.com.br

Confira no site vídeos com mais depoimentos dos personagens ouvidos nesta reportagem.

Amansador de cavalo vira barbeiro

“A população por aqui está envelhecendo.”

Quem o constata é Emanuel Chequeto, técnico do Incaper que atua em Vila Valério. Pelas ruas das cidades visitadas, é possível confirmar essa tendência. Entre os muitos idosos que se veem em Governador Lindenberg, está Anacleto Coradini. Aos 95 anos e chamado por todos de “Vô”, ele é o morador mais velho da cidade. Segundo de sete irmãos – “Mas quatro Deus já chamou” –, Anacleto chegou ali nos anos 1940 e cul-



tivou um pequeno pedaço de terra até os anos 1970, quando se mudou para a sede do distrito e abriu uma pequena barbearia. Além de cortar ervas daninhas e pelos faciais, chegou a ser pedreiro, sanfoneiro e até amansador de cavalos.

DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO

CAMARÕES PARA PODER DIVERSIFICAR

Agricultores estão rompendo com a dependência do ciclo do café

✦ **VITOR VOGAS**
vvogas@redgazeta.com.br



No longa “Forrest Gump – o contador de histórias”, o personagem-título enriquece a partir da pesca de camarões no Alabama (EUA). Já na vida muito real do Centro-Oeste capixaba, Denis Zoppi Plotegher, 34 anos, não chegou a enriquecer (ainda), mas certamente tem uma ótima história para contar, relacionada à mesma atividade.

Se não ficou rico como o personagem, fato é que o microempresário tem melhorado de vida, desde que, há oito anos, decidiu deixar de se dedicar exclusivamente ao plantio de café para investir numa ideia no mínimo arrojada: criação e comercialização de camarões da Malásia.

Denis é um bom exemplo de como alguns produtores rurais recorrem ao empreendedorismo e à inventividade para romper com a dependência gerada pelo ciclo do café. Além dele, outros nove agricultores realizam a nova atividade em Governador Lindenberg.

Os crustáceos são reproduzidos em um minilaboratório e depois mantidos em dez tanques, espalhados por 2,5 hectares, onde antes só havia plantações. Segundo Denis, o negócio tem sido tão exitoso que ele, gradativamente, tem abandonado a cafeicultura para se concentrar na “produção de camarões”, a qual, conforme explica, pode chegar a 7 toneladas por ano. Tudo é vendido in natura, diretamente a cooperativas ou restaurantes de cidades maiores.

JUVENTUDE

Como se viu na página

anterior, a população do Centro-Oeste está envelhecendo, o que decorre de dois fatores: a queda nas taxas de natalidade e a dificuldade em fixar os jovens no campo, pois a maioria não enxerga na agricultura uma fonte de negócios.

Mas há quem contrarie essa tendência, como Jovenilson de Souza, 28. Mesmo sem ter a própria terra, o microempresendedor que leva a “juventude” no nome se divide em várias frentes de atuação, em propriedades de terceiros: além do café, cultiva pés de maracujá, cria abelhas e planta coco no terreno do amigo Luiz Moro, 62, “italiano da gema”.

“Não quis fazer faculdade. Gosto da roça, a cidade é muito turbulenta. Quem pode faz faculdade, mas às vezes nem é tão compensativo (sic). Quem foi pra fora, hoje não tem nada. E tudo aqui dá uns trocos”, opina.



Denis Zoppi está apostando nos camarões da Malásia para melhorar de vida

EDSON CHAGAS



Parceria na produção de coco

Jovenilson de Souza e Luiz Moro são lavradores e habitam a comunidade do Juramo, em Vila Valério. Mas, enquanto o primeiro vive nas terras de um fazendeiro, o segundo é um pequeno proprietário. Em benefício mútuo, ambos se uniram e transformaram a amizade em parceria comercial na produção de coco. Jovenilson se tornou meeiro do amigo e agora “sócio”. A renda gerada é dividida igualmente entre os dois.

“É preciso aplicar mais dinheiro no campo. Os pequenos proprietários não têm acesso ao crédito. Isso desanima a juventude”

JOVENILSON DE SOUZA
AGRICULTOR, 28 ANOS

EDSON CHAGAS